

A COPC foi criado por Decreto Régio (vulgo e-mail) de 09/Dez/2018, como um comité, ou comissão encarregada de pôr em prática o programa das comemorações dos oitenta anos de História de Maconge e do centenário da sua Proto-História (1919-1939 – 2019), cujos eventos teriam lugar ao longo do ano de 2019. E assim aconteceu, tendo sido momentos altos a publicação do livro comemorativo e a cerimónia do seu lançamento, que teve lugar na Ceia de Alte, de 25 de Janeiro de 2020.

Apesar deste livro ser editado só agora, ou seja, no ano seguinte ao das comemorações, o mesmo não deixa de se inscrever no âmbito mais alargado das mesmas. Só motivos de força maior condicionaram a sua realização, catapultando-o para o início do ano corrente; e, por pouco, não ficou adiado para data incerta, pois o rei dos vírus, o já famoso Vírus Coroado, invejoso da viagem que o nosso Vice-Rei preparava, começou a ser cada vez mais virulento, levando as pessoas a confinar-se em suas residências, que é como quem diz, a quase finar-se de quarentena. Felizmente D. Roberto da Silveira herdou o sangue-frio e a coragem dos Silveiras de Maconge e, de máscara postada e de luvas empunhadas, enfrentou o Rei dos Vírus, deu-lhe umas bengaladas no cocuruto verruguento e, ala que se faz tarde... foi até ao Berço do Reino, onde o esperavam, com ansiedade, os macongins de Angola.

Este livro, como facilmente se percebe, é diferente do anterior, pois tem um objectivo muito específico, assinalar apenas um momento importante na magnífica gesta macongina, o regresso do Vice-Rei de Maconge ao Berço do Reino. Tratou-se de uma viagem cheia de significado e de emoção, já que D. Roberto há muito tempo não punha os pés, descalços ou alpercatados, no chão ubérrimo da Huíla, e porque era muito importante que, no ano das comemorações do Centenário, regressasse àquele lugar onde tudo começou, como antes o tinham feito os Vice-Reis de Maconge. Tocar o sagrado chão do Vale do Lubango para, no lugar fundador dos Barracões, junto ao túmulo do tutelar Mendonça das Forças, receber a Confirmação em cerimónia solene, era fundamental para que o actual Vice-Rei estivesse completo e, por inteiro, ocupasse o panteão dos símbolos de Maconge.

Como sempre foi e a tradição reza, os Senhores do Reino – do Rei único, D. César da Silveira, ao I Vice-Rei, D. Mário Saraiva de Oliveira e ao II Vice-Rei, D. Olavo Godinho – são confirmados pelos Manes e pela Grei com a Cerimónia da Confirmação, durante a qual, pedem a protecção dos seus maiores, são ungidos com os santos óleos de mupeke, aclamados com o som do berrante de chifre de holongo, homenageados com os gritos da praxe e, só então, aceites sem reбуço por todo o Reino que na Huíla começou, ao Ultramar se expandiu e por outras plagas e terrunhos se estendeu.

Também desta vez o Vice-Rei de Maconge, após se ter entregue à Cerimónia da Confirmação, quis seguir os passos dos anteriores Vice-Reis e ouvir a pitonisa da Umbía, para que assim ela o orientasse pelos caminhos misteriosos do fogo sagrado, o que arde permanentemente na grande pira da Serra da Chela e que é mantido pela

levada de água-ardente que vem dos antigos engenhos que só a memória retém. D. Roberto precisava de tornar o fogo mais forte, a chama mais ardente na tocha sobrevivente das antigas manifestações de estudantes da Huíla que seu pai levava para o Ultramar e que os Vice-Reis, todos eles, herdaram e resguardam nas arcadas do peito. Pois, foi esse fogo sagrado que manteve aquecido D. Roberto da Silveira, quando, com “roupa menos própria” (como ele próprio confessa) se dispôs a enfrentar a invernia dessa manhã lisboeta de 26 de Fevereiro de 2020 e rumar ao avião da TAAG que o levaria, são e salvo, até Luanda.

O resto da história, quem o aguardava no aeroporto e quem o acompanhou depois, quem foi o contador de histórias e anedotas que o alegrou, quem lhe proporcionou bem-estar e o que aconteceu nas horas e dias em que esteve por lá, não vale a pena falar agora. Bastará ao leitor ler o que se segue, ouvir o que se conta, beber do que se diz, sobretudo no texto escrito e vivido pelo próprio Vice-Rei, uma narrativa saborosa, emotiva, por vezes doce como o mirangolo, cheirosa como a nocha e perturbadora como o tabaibo.

O livro é vosso. Desfrutem-no... pois é fresco e doce como a fruta; saboreiem-no... pois é inebriante como o vinho.

Ginga Malaia!  
COPC